



Reflexões à distância

Maria Teresa Ruas Coelho¹

Resumo: O ano de 2020 iniciou imerso em uma tragédia coletiva ainda em curso: a pandemia pelo novo coronavírus. Quais as influências da pandemia e do isolamento social sobre as ciências sociais e qual o papel da área neste contexto? São estas as perguntas que orientam as discussões desenvolvidas neste ensaio, que estão divididas em três momentos. Primeiro, reafirmo e discorro sobre a importante contribuição das ciências sociais para a compreensão e o enfrentamento dos efeitos da pandemia com base em seu conhecimento já sedimentado. Segundo, enfrento alguns desafios imediatamente impostos ao fazer sociológico e antropológico pelo isolamento social e a tragédia que vivenciamos. Terceiro, aponto para algumas tarefas futuras herdadas pela área.

Palavras-Chave: Coronavírus. Pandemia. Fazer sociológico. Desigualdades.

Reflections from distance

Abstract: The year 2020 began immersed in a collective tragedy still ongoing: the pandemic for the new coronavirus. What are the influences of the pandemic and social isolation on the social sciences and what is the role of the area in this context? These are the questions that guide the discussions developed in this essay, which are divided into three moments. First, I reaffirm and discuss the important contribution of the social sciences to understanding and confronting the effects of the pandemic based on their established knowledge. Second, I face some of the challenges immediately imposed on sociological and anthropological practices due to social isolation and the tragedy we are experiencing. Third, I point to some future tasks inherited by the area.

Keywords: Coronavírus. Pandemic. Sociological practice. Inequalities.

No dia 31 de dezembro a Organização Mundial da Saúde (OMS) emitiu o primeiro alerta do que seria o surto de uma doença, então desconhecida, em Wuhan, na China. No dia 6 de janeiro de 2020 foi confirmada a primeira vítima fatal da doença. Em fevereiro o novo coronavírus foi renomeado pela OMS como COVID-19 (COroNaVirusDisease, aparição no ano de 2019) e em março a epidemia passou a ser categorizada como uma pandemia mundial. A

¹ Graduação e mestrado em Ciência Política pela Universidade de Brasília (UnB). Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Aracaju – Sergipe – Brasil. Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/7294256058851958>>. E-mail: mariateresaruascoelho@gmail.com.



alta contagiosidade que é característica do vírus e o vertiginoso crescimento do número de casos confirmados e de vítimas fatais da doença por todo o mundo levaram à adoção de medidas de isolamento social como forma de conter sua difusão.

É um momento no qual a comunidade científica ganha especial visibilidade, na medida em que a ela cabe traduzir para a população leiga o que é a doença, quais são seus efeitos, suas possíveis origens, além de disponibilizar as recomendações para prevenir o avanço da contaminação e, ao fim, garantir seu definitivo controle com a formulação de uma vacina. Mas, se biólogos, epidemiologistas, médicos e enfermeiros reafirmam o caráter essencial de seu trabalho e do conhecimento que produzem, qual o papel desempenhado pelos cientistas sociais? Se sobre o tempo de duração das pesquisas dos primeiros impõe-se a urgência de um contexto pandêmico, quais os desafios específicos dos últimos?

Nesse sentido, pretendo ensaiar algumas conexões existentes e necessárias entre a pandemia do COVID-19 e as ciências sociais a partir de três ângulos. Primeiro, reafirmo e discorro sobre a importante contribuição das ciências sociais para a compreensão e o enfrentamento dos efeitos da pandemia com base em seu conhecimento já sedimentado. Segundo, enfrento alguns desafios imediatamente impostos ao fazer sociológico e antropológico pelo isolamento social e a tragédia que coletivamente vivenciamos. Terceiro, aponto para algumas tarefas futuras herdadas pela área, com especial ênfase na recuperação da legitimidade do conhecimento produzido nas universidades.

1. Das ciências sociais para a pandemia

Como um vírus novo, o COVID-19 impôs sobre os membros da comunidade científica ligados às áreas biológicas e químicas o desafio de tatear por informações sobre suas características, de modo a formular e disponibilizar uma vacina para seu definitivo controle, premidos pela urgência de um contexto pandêmico. Evidente que também a outras áreas se apresentam inúmeros desafios e imprevisibilidades: Quais serão os impactos econômicos da pandemia? Quais os seus efeitos sobre o mundo do trabalho? O que mudará na educação após esse período de ensino à distância? Haverá mudanças permanentes no controle das fronteiras territoriais e aeroportos? São todas questões em aberto e em disputa.

Contudo, ainda que seja uma experiência inédita para esta geração e haja muito de desconhecido, existe também muito que a sociologia já pode dizer. Obviamente, doenças, epidemias e pandemias não acontecem em um vácuo social. Elas acometem pessoas, localizadas em posições de desigual vulnerabilidade de acordo com diferentes marcadores sociais e suas intersecções.



Num contexto em que circular por espaços públicos e entrar em contato com outras pessoas significa colocar em risco de forma sistemática sua saúde e mesmo sua vida, a capacidade de obedecer ou não ao regime de distanciamento é desigualmente distribuída entre diferentes grupos sociais. Desde moradores de rua e presidiários, para os quais a opção do isolamento não está colocada, passando por aqueles que vivem em condições precárias de moradia, parte de um grupo ainda maior de pessoas que dependem da circulação nas ruas para garantir sua sobrevivência imediata², até aqueles que podem efetivamente permanecer em suas casas e apartamentos com a segurança de um salário, existe um enorme abismo. Nos termos de uma necropolítica, tal como nomeada e denunciada pelo filósofo camaronês Achille Mbembe (2018), existe, na verdade, uma hierarquização de quais corpos e vidas são descartáveis e quais devem ser protegidas e cujas mortes representam uma tragédia, estruturada decisivamente por identificadores raciais.

Para além das desiguais condições de “escolha” em aderir ao distanciamento social, há uma série de outras questões que envolvem o espaço doméstico e que precisam ser pensadas nesse contexto. Sabemos que esse mesmo ambiente que agora se apresenta como medida essencial de proteção contra o contágio pelo novo coronavírus é também espaço de violência para inúmeras mulheres, crianças e pessoas LGBTQI+. É também um local que exige um trabalho de cuidado, desigualmente distribuído de acordo com gênero, raça e suas intersecções e invisibilizado enquanto *trabalho produtivo*.

São, enfim, questões diversas, que vão muito além das aqui brevemente elencadas. A reflexão sobre esses aspectos, ainda que seja absorvida por áreas externas às ciências humanas e sociais, é domínio privilegiado destas. Esse conhecimento, que parte de um acúmulo anterior aplicado à realidade atual, pode (ou poderia) contribuir para a previsão de quais as tendências de avanço da doença (em que grupos sociais ou em que localidades geográficas), de quais medidas específicas deveriam ser tomadas para o amparo de diferentes grupos de acordo com suas vulnerabilidades e assim por diante.

Esse papel das ciências sociais não é algo que passa despercebido pelos pesquisadores e pelas pesquisadoras da área. É expressivo o volume de conteúdo produzido por eles e elas (nós) neste período de pandemia, através dos mais variados canais (*lives, podcasts, videochamadas, blogs, postagens em redes sociais, artigos, entre outros*). O fazer sociológico nesse contexto é, dessa maneira, elemento muito importante e é o fio condutor da próxima seção.

² Aqui estão incluídos trabalhadores autônomos, informais, intermitentes ou mesmo formais, mas ocupantes de posições de trabalho de baixa especialização e alta rotatividade.



2. Do fazer sociológico e antropológico em regime de isolamento

Com o isolamento social e o fechamento provisório de universidades em vários países, é possível observar um aumentado uso de diferentes plataformas digitais para a produção e compartilhamento de conteúdo por pesquisadores e pesquisadoras das ciências sociais. Pesquisas que já estavam em curso e também iniciadas após o início da pandemia, muitas delas não relacionadas ao novo coronavírus e originalmente alheias, em escopo teórico e metodológico, ao digital, passam a receber influências irremediáveis de ambos esses contextos.

De fato, já existem pesquisas e métodos sendo desenvolvidos em contextos digitais pela sociologia e pela antropologia, internacional e nacionalmente, desde o princípio do uso mais generalizado da internet³. É evidente que os desdobramentos político-econômico-sociais das ferramentas digitais, cada vez mais presentes na vida cotidiana desde muito antes da exigência pelo distanciamento, tornam praticamente impossível falar em uma “vida real” pura e separada do ambiente virtual, de modo que também se impõem às ciências sociais.

Isso não significa, entretanto, que a pesquisa social não seja profundamente afetada pela limitação de seu fazer à distância e às ferramentas digitais. O relato da antropóloga Louise Scoz Pasteur de Faria (2020) organiza a problemática. Evidencia a dimensão da pesquisa qualitativa que extrapola a realização de entrevistas e é estruturada sobre a etnografia ou a observação participante, para os quais existe uma dimensão elementar de experiência de campo que é perdida no momento atual. A interlocução com os sujeitos de uma pesquisa sociológica ou antropológica mediada pelo campo virtual não cumpre o mesmo papel que a imersão do pesquisador em um outro espaço, regido por moralidades, dinâmicas e regras próprias.

Ao lado do fato de que a tragédia que compartilhamos coletivamente afeta, em maior ou menor medida, a realidade objetiva e o psicológico dos interlocutores de qualquer pesquisa social de teor qualitativo realizada no presente contexto, a antropóloga chama também a atenção para uma dimensão ética a ser considerada:

Durante as videoconferências, comecei a notar que os participantes se sentiam confortáveis o suficiente para tocar em tópicos mais sensíveis de sua experiência. Durante as chamadas, eles me mostravam o interior de suas casas, brincavam com seus cães e gatos, me apresentavam a membros da família.

³ Ver: SEGATA, Jean, RIFIOTIS, Theophilos (Orgs). **Políticas etnográficas no campo da cibercultura**. Brasília: ABA Publicações; Joinville: Editora Letradágua, 2016. MILLER, Daniel; SLATER, Don. **Etnografia on e off-line: cibercafés emTrinidad**. Porto Alegre: Horizontes antropológicos, v. 10, n. 21, p. 41-65, junho 2004. MORRISON A. (ed.) **ResesarchingICTs inContext**. Oslo:Universityof Oslo, 2002. PARREIRAS, Carolina. **Altporn, corpos, categorias, espaços e redes: um estudo etnográfico sobre pornografia online**. 2015. 247 p. Tese (Doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2015.



As chamadas de vídeo durante a quarentena, especialmente no contexto profissional, expuseram de maneira inédita a esfera da vida íntima. Não podemos mais escolher o ambiente, compor o cenário ou silenciar as crianças brincando na sala.

Além disso, existe um elemento confessional atrelado a interações em vídeo que não apenas reflete o espaço físico da esfera íntima, mas também a dimensão narrativa da intimidade.

As pessoas se sentiram mais abertas a compartilhar informações da esfera da intimidade porque se sentiam dentro de “seu elemento”. A ausência da presença física, nesse caso, criou um sentimento de confiança. Os participantes se sentiram no controle do tipo de informação poderiam dividir comigo. Eu não estava lá para observar o seu ambiente, prestar atenção à sua linguagem corporal, tentar descobrir aquilo que estava nas entrelinhas do era dito (FARIA, 2020, tradução própria)⁴.

Mas o fazer das ciências sociais, é essencial lembrar, não se restringe à pesquisa. A atividade docente é elemento fundamental da profissão e é também profundamente afetada pela necessidade de que se mantenha o distanciamento social. O ensino a distância, chamado EAD, é objeto de disputa desde outros tempos e representa parte importante da luta de professores e discentes contra a precarização da educação. Envolve uma série de limitações ao acesso à formação de qualidade e representa uma descaracterização da função docente também de cientistas sociais.

Como um último aspecto a ser ressaltado sobre o fazer sociológico e antropológico no correr da pandemia, resta lembrar, por mais que possa parecer uma obviedade, que os pesquisadores e pesquisadoras estão também imersos neste contexto pandêmico e não enfrentam somente desafios teóricos e metodológicos. Estão também suscetíveis ao medo, às ansiedades e angústias que envolvem a possibilidade de adoecimento e morte pelo vírus. Claro, a possibilidade de adoecimento e morte está sempre presente no horizonte da vida humana, mas em meio a uma pandemia é uma realidade muito mais concreta.

Os impactos psicológicos do momento, bem como a desigual distribuição do trabalho cuidado, situações de violência baseadas em questões de gênero e sexualidade ou mesmo dificuldades econômicas impactam também os e as cientistas sociais. Afinal, também eles e elas (nós) ocupam(os) desiguais posições de vulnerabilidade, sobretudo quando não se perde de vista que o fazer sociológico e antropológico não é mérito exclusivo, ou mesmo de predomínio, daqueles e daquelas que já concluíram seus respectivos doutoramentos e

⁴ “During video calls, I noticed that the participants felt comfortable talking about sensitive topics and sharing their experiences. They showed me their homes, played with their pets, introduced me to family members. Video calls during lockdown exposed our humanity and intimate lives. We can’t pick and choose the background or silence the kids playing in the backyard. Also, there is a confessional element to video interactions that not only reflect the physical space people inhabit but also their mental space. People tend to feel more open to sharing intimate aspects of experience because they are in “their element”. The absence of physical presence, in this case, creates a sense of safety. People feel in control of what kind of information they share with you. You are not there snooping-around, paying attention to their body language, listening to the unsaid” (FARIA, 2020).



adquiriram um vínculo estável com alguma instituição superior de ensino. Os pesquisadores e as pesquisadoras que estão em processo de formação e de igual forma carregam esse fazer estão inseridos em estruturas de desigualdade e como toda e qualquer pessoa enfrentam as limitações impostas por essas estruturas.

3. Das tarefas herdadas pelas ciências sociais

Um terceiro e último ângulo a partir do qual proponho encarar as relações entre a pandemia do novo coronavírus e as ciências sociais diz respeito a algumas tarefas que elas herdam do período. Anteriormente, caracterizei algumas questões como estando em aberto e em disputa, com as quais as ciências sociais deverão se confrontar. Quais os efeitos do crescente uso de aplicativos como *Uber*, *Ifood*, *Rappi*, potencializado no período de distanciamento social, terão sobre o mundo do trabalho? O que mudará na atividade docente e no ensino após esse período de ensino à distância? Haverá mudanças permanentes no controle das fronteiras territoriais e aeroportos? Quais os efeitos dessas possíveis alterações sobre movimentos migratórios? Uma primeira tarefa que ficará para as ciências sociais refere-se, portanto, a oferecer respostas para essas e outras perguntas colocadas, deslocadas ou de urgência potencializada pelo presente contexto.

Uma segunda tarefa está associada ao ganho de força e aderência a diversos fenômenos que por vezes têm sido abrigados sob o controverso nome de “pós-verdade”. O problema das *fake news*, que alguns preferem chamar de desinformação, o movimento anti-vacina e os chamados “terraplanistas” - que afirmam que o planeta Terra não é redondo, mas sim plano - já levantavam preocupação bem antes do novo coronavírus.

Agora, a questão se manifesta na baixa adesão ao isolamento social, decorrente da negação da gravidade da doença. A situação chegou ao ponto de profissionais da saúde do Brasil e mais 16 países assinarem uma carta endereçada aos executivos responsáveis pelas principais redes sociais existentes com um conjunto de reivindicações para barrar o que chamam de “infodemia global”, isto é, a viralização de desinformações sobre a doença nas plataformas virtuais (PROFISSIONAIS, 2020).

Para além da necessária discussão dos diversos aspectos que envolvem essas manifestações negacionistas e obscurantistas, é urgente a busca por estratégias de enfrentamento a elas. Todo conhecimento está (e deve estar) suscetível a controvérsias e a ser ultrapassado. Mas os fenômenos relacionados à “pós-verdade” partem de uma negação de acordos éticos e de qualquer compromisso com a veracidade, enquanto busca pela verdade, que fornecem as bases da produção de qualquer conhecimento que se proponha como frutífero, construtivo. Pretendem, ao contrário, a destruição do que não



concordam e a imposição de verdades plásticas.

A pandemia tem mostrado que a urgência em compreender quais os incentivos para a aderência a esses fenômenos relacionados a uma ideia de “pós-verdade” e como enfrentá-los passa não só pelo questionamento da possibilidade de termos eleições livres– questão central em torno da qual correu o debate sobre as *fake news* após o *Brexit*, a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos e de Jair Bolsonaro no Brasil -, mas da própria sobrevivência futura da espécie humana.

Ademais, penso que a pandemia do COVID-19 deixa especialmente evidente que não bastam números, comprovações científicas, imagens ou o apelo de especialistas. Existe uma tarefa de recuperação da legitimidade do conhecimento construído nas universidades que passa por disputas políticas e pela (re)construção do consenso em torno de alguns pressupostos básicos do que pode ser validado enquanto conhecimento confiável e construtivo. Acredito que essa recuperação é privilégio das ciências humanas e recai especialmente sobre as ciências sociais, na medida em que a elas cabe a interpretação da realidade social com vistas à construção de um conhecimento compartilhado coletivamente.

Referências bibliográficas

FARIA, Louise Scoz Pasteur. **Doing research in a Pandemic:** Shared experiences from the field work. Halo Ethnographic Bureau, 06/05/2020. Disponível em: <<https://medium.com/halobureau/doing-research-in-a-pandemic-shared-experiences-from-the-fieldwork-fa1a00fc86fc>>. Acesso em: 10/06/2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. Porto Alegre: **Horizontes antropológicos**, v. 10, n. 21, p. 41-65, junho 2004.

MORRISON A. (Ed.) **Researching in Context**. Oslo: University of Oslo, 2002.

PARREIRAS, Carolina. **Altporn**, corpos, categorias, espaços e redes: um estudo etnográfico sobre pornografia online. 2015. 247 p. Tese (Doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2015.

PROFISSIONAIS de saúde denunciam a infodemia nas redes sociais. Avaaz. Disponível em: <https://secure.avaaz.org/campaign/po/health_disinfo_letter/>. Acesso em: 30/05/2020.

SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos (Orgs). Políticas etnográficas no campo da



cibercultura. Brasília: **ABA Publicações**; Joinville: Editora Letradágua, 2016.

Como citar este artigo:

COELHO, Maria Teresa Ruas. Reflexões à Distância. **Áskesis**, São Carlos, SP, v.9, n. Ed. Especial, p. 95-102, dez. 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9ee20.519>

Data de submissão do artigo: 19/06/2020

Data da decisão editorial: 17/08/2020